



ARMANDO, EPISCOPUS ANGRENSIS

Diocese de Angra

*Homilias – Mensagens – Comunicados – Reflexões - Notas
Pastorais – Decretos – Nomeações – Provisões – Cartas Pastorais*

HOMILIA DO BISPO DE ANGRA NA ELEVAÇÃO DO SANTUÁRIO DIOCESANO DA SENHORA DA PAZ

Vila Franca do Campo | 1 de janeiro de 2025

“O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz”.

Que bela oração de bênção para o primeiro dia do ano e Dia Mundial da Paz. No alto deste belo monte, há uma bênção acrescida: esta ermida é elevada à categoria de Santuário diocesano, o primeiro Santuário Mariano na ilha de S. Miguel e o terceiro na Diocese. A simples evocação de Senhora da Paz traz conforto e esperança! Rainha da paz é a última invocação da Ladainha e foi introduzida em 1917 pelo Papa Bento XV, com o objetivo de obter a paz para o mundo atingido pela Primeira Guerra Mundial. No mesmo mês, Nossa Senhora apareceu aos nossos três pastorinhos de Fátima, depois do Papa ter pedido para se rezar pela paz no mundo.

Esta elevação a santuário é fruto de um longo percurso com manifestações públicas de oração, devoção e peregrinação. Muitos já caminharam em direção a esta ermida, numa confissão de fé; o caminhar é um verdadeiro canto de esperança e a chegada um encontro de amor com Deus. Podemos mesmo dizer que este Santuário já era “consagrado” pela afluência de peregrinos e pode, por isso, dizer-se que um santuário “de facto” pode existir legitimamente antes de qualquer intervenção da autoridade eclesial. Aqui, já muitos peregrinos tomaram decisões que marcaram as suas vidas. As paredes desta ermida, agora Santuário, contêm certamente histórias de conversão, de perdão e de dons recebidos que muitos poderiam contar.

Quero agradecer a Deus todos os que mantiveram limpos e vivos estes espaços e rezar pelos artistas e devotos que o continuarão a fazer. Um vosso conterrâneo, Frei Mário Jorge do Rego Barbosa, sugeriu-me que fizesse memória da senhora Dona Maria Henriqueta Medeiros de Couto, sua trisavó, que, na segunda metade do século XIX, estando esta Ermida ‘ao abandono’, tomou conta de tudo para que não morresse a devoção e não parasse a procissão anual. Mesmo depois de enfiar, quase todos os dias lá ia acender a lamparina, subindo, já velhinha, toda a estrada em terra batida, e limpar também o espaço. Ela aguentou todas as despesas para combater o desleixo. Na altura da procissão, levava numa burrita pão para todas as pessoas. Após a sua morte, aconteceu um ‘fenómeno’: a procissão, ao chegar junto da sua casa, viu, repentinamente, uma ‘carga’ de água obrigar a que a imagem, andor, e pessoas tivessem de se abrigar na casa, entrando pela ‘porta grande’. Tudo isto foi visto como ‘uma graça que Nossa Senhora quis conceder à família dela, pelo bem que fez durante 44 anos’. (*Teotónio Machado de Andrade, intitulado ‘A Senhora da Paz na Tradição Popular Vilafranquense’*). Que os benfeitores e devotos já falecidos possam “ver, lá do Céu”, o seu trabalho agora mais valorizado: de uma gruta passou a Ermida e agora a Santuário.

Hoje começa um novo capítulo da sua história. Deixo o apelo a que os reitores e quem vai colaborar na pastoral cuidem o que de essencial deve ter um Santuário, isto é:

- acolhimento aos peregrinos para lhes proporcionar uma profunda experiência com Deus;
- dar tempo para a proximidade com as pessoas e para a escuta de quem procura conforto espiritual e humano, seja no sacramento da Reconciliação ou apenas numa conversa amiga;
- ser um centro de irradiação espiritual nesta região e Ilha, com dinâmicas de nova evangelização como pede o Papa num documento sobre os santuários;
- ser um lugar de divulgação da espiritualidade mariana centrada na esperança e na paz.

Irmãos e irmãos, que aqui se levante hoje a bandeira da paz. Não para nos rendermos, mas para que seja vista de todos os lados e onde a força da oração seja mais forte que a das armas. Vivemos atormentados pelo terror de guerras destruidoras. A invasão da Ucrânia pela Rússia é um conflito ruinoso dentro da própria Europa: um conflito que agrava as já numerosas crises em curso: económica, energética, ambiental, migratória e sanitária, e que cavou sulcos mais profundos dentro do mundo cristão, entre católicos e ortodoxos e dentro das próprias Igrejas ortodoxas. Consequências terríveis também pela guerra na Terra Santa e praticamente todo o Médio Oriente.

Porém, a paz começa já entre nós, na nossa ilha e Região Autónoma. Maria cantou o Magnificat e previu que Cristo iria “derrubar os poderosos de seus tronos e exaltar os humildes; que iria encher de bens os famintos e aos ricos despedir de mãos vazias”. Um cronista esta semana comentando a frase “não há pobres entre nós”, escrevia: uma maior e efetiva abrangência do sistema escolar, do sistema de saúde e da assistência social que apoia as famílias mais vulneráveis tem contribuído para a progressiva redução da pobreza ou do risco desta, entendida esta como uma situação de insuficiência de recursos para a sobrevivência em campos como a habitação, alimentação, vestuário, educação”. Acrescentava, no artigo, “Nos Açores, o índice de pobreza aumentou no último ano de 21,9% para **25,1%**. A prevalência da pobreza em Portugal é maior nos Açores e na Madeira. A taxa de pobreza nos Açores está 9 pontos percentuais acima da média nacional”.

Peçamos, então, com toda a fé à Senhora da Paz que nos ajude a perceber que, como cristãos, não podemos ter verdadeira paz enquanto tivermos uns muito ricos e outros muito pobres, uns que têm em demasia e desperdiçam e outros que passam fome, enquanto uns vivem tranquilamente em palácios e outros na rua. Já o Papa Paulo VI dizia que o nome novo da Paz era o desenvolvimento. Só a guerra cria miséria e fome, só a guerra tira a casa, só a guerra abandona pessoas... então, erguer a bandeira da Paz é também lutar pela justiça social e, perceber que contributo podemos e queremos dar nesta luta intransigente pela paz que passa pela igual dignidade de todos. Vai ser um ano desafiante, até porque se teme o aumento da pobreza.

Deixemos que Nossa Senhora da Paz molde o nosso coração para sermos artífices de paz, portadores de esperança aos seus filhos aflitos. Lembrais-vos que à sua prima Isabel, Maria leva a paz e a alegria? A paz, de facto, não viaja sozinha: precisa de pernas, de braços e de uma voz. Que faria Maria na nossa ilha? Provavelmente chamaria todos os amigos do seu filho Jesus para ajudarem neste desígnio de paz, nascida da harmonia entre todos os seus filhos. Talvez tenha sido por isso que Jesus saiu de casa aos 33 anos, e foi para as ruas anunciar uma Boa Notícia de libertação dos doentes e oprimidos, dos pobres e prisioneiros, dos marginalizados pelo poder político e religioso da época. Pelas denúncias que a sua atitude provocou, o levaram à cruz. Rezemos pelos nossos centros sociais, Cáritas, Vicentinos e outros grupos caritativos que dão respostas importantes, mas, como cidadãos, não podemos ficar indiferentes e convencidos que “outros farão”. Ninguém faz a nossa parte. A paz é um dom que precisamos merecer!

Rezemos, por fim, pelas nossas famílias, essas guardiãs de vida e de esperança que são também escola de paz!

Termino lembrando a letra de uma canção: *“Sente o coração da tua cidade que bate na noite à tua volta, procurando uma aurora de serenidade. Semeia a paz e verás que a tua esperança ressuscitará e um novo mundo nascerá. Sim, o mundo da paz nascerá; nunca mais se falará de guerra. A paz é uma dádiva que a vida nos dará, um sonho que se tornará realidade.”*

+ Armando, Bispo de Angra